

# Reflexões sobre cartografia a partir do pesquisador-fenômeno: redesenhando Ouro Preto-MG por uma escrita autoetnográfica

*Reflections on cartography from the researcher-phenomenon: redesigning Ouro Preto (MG/Brazil) through an autoethnographic writing*

Bruno Guimarães Martins  
brunomartins@fafich.ufmg.br  
<https://orcid.org/0000-0002-1238-3729>

Doutor em Literatura pela PUC-Rio. Professor e pesquisador associado no Departamento de Comunicação Social da UFMG. Docente permanente no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da UFMG.

William David Vieira  
williamdavidvieira@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0002-7177-4623>

Doutorando no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCom/UFMG), com bolsa CAPES, e mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

## Resumo

Este artigo explora uma narrativa que privilegia como partida o “eu” do pesquisador-fenômeno – a vivência de um dos autores do texto, organizada enquanto este caminha por um pequeno trecho, previamente escolhido, da cidade de Ouro Preto-MG. Diante de tal experiência recortada, impõe-se uma cartografia que induz e sustenta o relato trazido pela vivência, compondo a metodologia, juntamente com um percurso teórico embasado no campo da comunicação, mas que aciona mais disciplinas, como antropologia, história e literatura. Isso faz suscitar reflexões analíticas da ordem da aparição do gesto cartográfico em uma escrita autoetnográfica, o que permite situar o leitor numa tessitura social cujas realidades ora descritas, ora imaginadas são tão mutáveis quanto aqueles que se movem pelo referido espaço urbano.

Palavras-chave: cartografia, autoetnografia, pesquisador-fenômeno, caminhada.

## Abstract

In this article, we explore a narrative that privileges the “I” of the phenomenon researcher as a starting point – whose experiences are disorganized and reorganized as he walks through a small previously chosen stretch of the urban space of Ouro Preto, in the state of Minas Gerais, Brazil. Faced with such a frame of experience, a cartography that induces and sustains their reports is imposed, and composes the methodology together with a theoretical path that is based on the field of communication, but that also triggers readings from other disciplines, such as anthropology, history and literature. This makes us raise analytical reflections on the appearance of the cartographic gesture in autoethnographic writing, which allows placing the reader in a social fabric whose realities, sometimes described and sometimes imagined, are as changeable as those who move through the aforementioned urban space.

Keywords: cartography, autoethnography, researcher-phenomenon, walk.



Fonte: Arquivo pessoal.

*Passo rapidamente de carro com minha família, no início de 2023, por este pequeno trecho do bairro Saramenha, em Ouro Preto (MG/Brasil), que dá acesso à chamada Estrada Real, para chegar ao Airbnb de minha prima, localizado na Chapada de Ouro Preto, subdistrito da cidade histórica. Então minha tia Denair me conta que era exatamente ali, entre o tapume metálico e o sobrado azul, numa construção que não existe mais e se tornou apenas aquele minúsculo portão quase imperceptível, que se instalava o açougue de meu avô materno, Elías, falecido nos anos 1980. A partir disso, trago olhares diferentes para a estrada: desço do carro e decido caminhar pelo espaço (o qual fotografo em seguida, já com intuito deliberado de utilizar a imagem em um texto), que hoje é o bairro onde minha avó, Terezinha, antes viúva de Elías, está enterrada, mas é também uma grande porta de entrada para turistas; é o principal caminho que leva a outros estados da federação pela Estrada Real; e é onde meu avô chegou, ainda criança, com sua família, fugida de crises do então Império Otomano. Trata-se de um local onde hoje retorno mais vezes, em outras caminhadas, para tentar encontrar algo da história que não ocupa minha memória, mas que fabula em minha mente como imaginação (Canclini, 2008). O que resta da história que me é contada neste espaço e acerca deste espaço? O que resta do espaço? O que falar dele e como perscrutá-lo aqui neste texto, movido por uma memória? Talvez eu esteja diante da certeza da perda dos descendentes que ficaram para trás, que não puderam vir (hoje, sírios, turcos ou libaneses, por exemplo, dada a grande extensão do território otomano). Seria realmente possível usar essa memória que me perturba num texto, transformá-la em matéria-prima para a escrita? Falo de uma memória que não é necessariamente minha,*

*mas que passei a ter. Poderia traçar um percurso que visa contemplar os aspectos mais pulsantes dessa memória, como a memória em si, a escrita e o espaço convocado e narrado, construído junto ao leitor como a realidade que posso tatear facilmente a poucos quilômetros de minha casa. Mas me vejo em outro impasse: para que eu chegue a isso, sinto a necessidade de construir antes, numa forma de imaginário, uma realidade para aquele que me lê e que está a mais quilômetros distante. Deparo-me com uma possível cartografia que certa escrita de si, alojada na memória de um pesquisador-fenômeno (que se depara sensivelmente consigo, como empiria de si, num “autolaboratório”), busca convocar como demanda de sustentação de seu problema epistemológico. Seria, porém, uma cartografia distinta. Essa que pensamos aqui é da ordem de elaboração do registro de um espaço diminuto. É a ligação de um pequeno território suburbano (característica do bairro Saramenha, localizado próximo a uma barragem de rejeitos em descomissionamento e cercado de empresas, incluindo uma mineradora agora quase inativa e suas ruínas) às memórias, aos outros, às referências. Essa cartografia é um espaço de imaginação: a ligação daquele trecho da cidade com a memória, o que se torna um ponto de reflexão. É algo que se firma a partir do que um espaço pode ser por seus desenhos ou fabulações na memória (e tanto das próprias memórias quanto das memórias passadas por antecessores, de geração em geração). Se essas fabulações são imaginários em formação, como compreende Canclini (2008), então, a cada gesto fabulado, tece-se uma linha, um fio solto, que não é nem o começo nem o fim de algo, mas uma durabilidade inventiva, a contar algo de uma história que se relaciona com tantas outras contadas ou não contadas e que, no fim, quando costuradas em atravessamento uma com a outra, ainda que não se*

*encontrem diretamente, tecerão, num grau maior, uma malha, continuando a grande narrativa que é viver o mundo e viver no mundo, como lembra Ingold (2011, 2015). É como pesquisar para encontrar um modo de acolher, de causar impressão (Moriceau, 2020), sabendo que, por mais que haja uma dimensão pessoal envolvida, é justamente por meio do que ela nos permite ver enquanto transformação em pesquisa que se articula uma ideia de “saberes localizados” (Haraway, 2009), isto é: exatamente pelo fato de haver uma subjetividade intrincada é que se promove uma abertura ao outro e se descentraliza o eu – afinal, não há eu que se constitua sem sua relação com o outro; não há subjetividade que se molde sem a interação com o mundo.*

## 1 Início: de que cartografia estamos falando?

A fotografia e o relato que abrem este artigo fazem parte de uma série de experimentos que este pesquisador-fenômeno, um dos autores do trabalho, tem feito em projetos atualmente em desenvolvimento. Aqui, apresentamos, em coautoria, uma produção menor desse compilado de atividades do “eu” em xeque, utilizado como fonte de partida para ruminatórias científicas. O *corpus* selecionado para o presente texto, um relato memorial e uma foto a dizerem de uma constituição familiar e suas inconsistências pelo mundo, na disposição dos seres humanos que as compõem, faz parte de uma estratégia utilizada na tese “Sensibilidade melancólica, uma epistemologia de afronta” (título provisório), desenvolvida pelo doutorando William David Vieira no âmbito do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e orientada pelo professor Dr. Bruno Guimarães Martins. Abrimos um espaço para essas explanações após a solicitação de uma manifestação maior dos pesquisadores por parte de um dos pareceres recebidos na submissão do texto. Trata-se de valorizar desde já, nesta seção introdutória que funciona como uma espécie de “primeiro trajeto metodológico” do texto, a importância do destaque aos estudos dos afetos (cuja discussão conceitual trazemos mais à frente) nas investigações que fazemos.

Na tese em questão, há uma seleção de fotos de álbuns de família, acionadas pelo pesquisador para lidar com o luto envolvendo a morte de sua avó materna (vítima da covid-19 e mencionada no relato acima), em 2020, e o assassinato de seu pai, em 2021. Agora, porém, não há uma foto de família, mas a presença de uma fotografia que representa o passado ausente (enquanto memória material, imagética). Nesta produção em específico, trazida aqui, o que se tem é a junção de um mapa teórico, um relato de si e o espaço. Articulado esses três, deparamo-nos com o exercício da cartografia que parte da memória para o grande espaço da história; parte do pequeno espaço suburbano para a invenção sem fim do que este referido espaço pode significar para cada sujeito. Assim, a cartografia que se pretende discutir aqui abre o espaço da imaginação a partir da experiência concreta. Sai da esquina situada num bairro localizado em determinado ponto geográfico e memorial para a história, retomando novamente para a cidade. Quando olhamos para tal recorte espacial, tudo está lá, comprimido, numa espécie de cápsula do tempo, a despeito de não termos mais como visão possível, diante dos olhos, o que aquele território um dia foi; ou de não termos tampouco como levantar qualquer resto ou dejetos das ruínas daquilo que já *é e existe* no mundo apenas em atividade fabulatória memorial.

Sob essa perspectiva, destacamos que, da memória contada pelo outro e que depois um sujeito, como um pesquisador, passa a ter como sua (minha) e, posteriormente, é *nossa*, tanto o apelo fotográfico quanto o relato escrito de si e as manifestações teóricas acionadas no decorrer do trabalho ajudam a realizar a cartografia. Primeiramente, a fotografia tem um aspecto indicial, liga a memória a um espaço físico. Esse processo de ativar a experiência concreta à memória é o que gera um espaço da imaginação a partir das linhas que então se desenharam entre o espaço e a memória, entre a experiência concreta no cotidiano e as reflexões teóricas da pesquisa. O registro fotográfico permite escrever sobre a fotografia como índice de espaço a partir do qual fabulamos e traçamos nossas linhas cartográficas que se insinuam sobre a história, sobre a memória, a família e sobre nosso próprio percurso de pesquisa. Por fim, isso faz com que nos centremos teoricamente sobre uma história contada pelo pesquisador, talvez uma “ego-história”, como defende Nora (1989, s.p.):

*Que é ego-história? Não se trata de uma autobiografia pretensamente literária, nem de uma profissão de fé abstrata, nem de uma tentativa de psicanálise. O que está em causa é explicar a sua própria história como se fosse de outrem, tentar aplicar a si próprio, seguindo o estilo e os métodos que cada um escolheu, o olhar frio, englobante e explicativo que tantas vezes se lançou sobre os outros. Em resumo, tornar clara [...] a ligação existente entre a história que cada um fez e a história de que cada um é produto.*

No espaço memorial, físico, fotografado, escrito e inscrito numa ego-história, atravessado por diferentes “eus” e “sentidos”, vemo-nos diante de uma cartografia que se comporta enquanto texto, isto é, uma figura passível de historicização, por meio da qual uma subjetividade se instaura e se desenvolve no tempo, compreende o tempo e também se compreende (Hartog, 2013). Para chegarmos a esse ponto, é preciso nos aprofundar mais em que apreensão é essa que se faz de cartografia. Se nos voltarmos, ainda que em literaturas distintas, a obras reconhecidas por esse incentivo do “eu” enquanto elemento motriz de um relato, a exemplo de *Becos da memória*, de Conceição Evaristo (2018), sobre a qual falaremos adiante, podemos encontrar pontos em conjunto e amplos como a exploração *sui generis* de uma espacialidade e temporalidade: a noção de que aquele espaço apresentado, por mais que possua determinada composição comum, também proporciona experiências singulares na relação subjetiva daquele que vive uma experiência, mesmo que circunstancial. Além disso, quando se transfiguram em relato de si, o subjetivo e o intangível da experiência podem se transformar em abertura, em partilha de vivências com um outro.

A caracterização e a compreensão de um espaço que aparentemente parte de uma memória nos ajudariam a pensá-lo como propriedade adjacente a ela (a memória), o que, juntamente, daria ao relato de si um tom maior de realidade móvel ou realidade aberta a ser conhecida. E é esse problema que procuramos tensionar neste texto, testando uma memória *nossa*. Acabamos por entender que a cartografia opera como uma força que sustenta e também se desenha no próprio texto. De maneira geral, teria, em sua manifestação, uma qualidade de texto, pois ajuda a situar o leitor numa tessitura social de realidades e memórias mutáveis. Quando tentamos transcrever

uma memória a partir de um registro fotográfico, ela se abre a outros sentidos perante nosso próprio olhar.

O espaço de que estamos falando ou o espaço que buscamos localizar (na escrita, na fotografia ou na memória) está, para o texto, despontando enquanto um processo comunicacional, enquanto fenômeno possível de ocorrência das inconsistências do social sobre o qual nos pautamos e sobre o qual agimos e compreendemos como realidade, como uma sobreposição de ruídos e outras realidades em confronto. Na experiência de deslocamento e interação com o espaço, temos contato com diferentes imaginários e memórias que dizem tanto sobre o próprio espaço como sobre nós mesmos. É no espaço que as identidades se conjugam: das experiências que acumulamos a partir de vivências íntimas nos referidos espaços àqueles imaginários que se constituem a partir do que, por exemplo, ouvimos sobre esses mesmos espaços no rádio, assistimos na televisão ou vemos nas fotos de amigos nossos ou desconhecidos que marcaram como localização o tal pequeno pedaço de terra compartilhado em publicações de redes sociais. Isso porque “o imaginário não é apenas a representação simbólica do que ocorre, mas também um lugar de elaboração de insatisfações, desejos e busca de comunicação com os outros” (Canclini, 2008, p. 121). Segundo o autor, a experiência complexa e diversa da cidade se oferece como contraponto às generalizações teóricas disponíveis, caracterizando o espaço urbano como lugar de *destotalização*:

*Nos centros urbanos se dramatiza uma tensão chave: entre as totalizações do saber que as descrições das ciências sociais duras produzem e as destotalizações que geram o movimento incessante do real, as ações imprevisíveis, aqueles ocos ou fraturas [heterogeneidades e complexidades do social] que obrigam a desconfiar dos conhecimentos demasiadamente compactos oferecidos pelas pesquisas e estatísticas (Canclini, 2008, p. 16, grifo do original).*

É, portanto, essa cartografia referente ao espaço que buscamos aqui: construir, a partir de nossa própria experiência, uma forma de conhecer que visa a *destotalização*. É justamente ao considerarmos que, se há *destotalização*, então instabilidades existem. Por isso, ao falarmos delas do ponto em que nos situamos, podemos trabalhar *com elas*, não as pensar como objetos, puramente. Também, por isso, partimos de um relato pessoal, de uma abordagem do pesquisador-fenômeno, o que já nos coloca em determinada posição em relação ao espaço, fazendo emergir uma certa cartografia.

Acompanhamos Martín-Barbero (2004) ao pensarmos a cartografia não como uma representação do espaço que busca desenhar fronteiras, mas que, em contrapartida, embaralha seus limites, mostrando atravessamentos e entrelaçamentos das fronteiras, buscando com elas novas relações e cruzamentos. Essa descrição diz diretamente do intuito de mapear ou redesenhar um espaço de experiência instituído na memória e já reconstruído ou redesenhado por meio de palavras, o que também se abre a um redesenho no momento em que o leitor pode concatenar os elementos disponíveis sobre a dimensão de espaço em questão. Nisso, uma cartografia que se poderia buscar num relato de si seria um convite a uma experiência espacial assumidamente mediada por outras. Não se nega isso, mas justamente se assume e disso se apropria.

Logo, buscamos sensibilizar o leitor para que perceba a vida em movimento, ou os movimentos da vida que não se dispõem dentro de um perímetro, mas ao longo de “linhas de fuga” ou “linhas de devir”. Tais formas (“linhas”), sobretudo nomeadas como “fuga” ou “devir”, foram pensadas inicialmente por Deleuze e Guattari (2004, p. 323, tradução nossa), para os quais

*[...] uma linha de devir [ou de fuga] não é definida pelos pontos que conecta, ou pelos pontos que a compõem; ao contrário, ela passa entre pontos, sobe pelo meio, corre [...] transversalmente à relação localizável com pontos distantes ou contíguos. Um ponto é sempre um ponto de origem. Mas uma linha de devir não tem começo nem fim... tem apenas um meio.*

São estas linhas as exploradas pelo antropólogo britânico Tim Ingold (2011, 2015) para descrever formas de habitar os espaços em movimento, ao tecer uma linha em meio a outras, sem que possamos alcançar ou identificar seu começo ou fim. Por conta disso, fundimo-nos ao mundo construindo uma trajetória feita de improvisos e aberturas, pois as linhas nos permitem cartografar um espaço, textualizá-lo, transformá-lo em meio.

## 2 Propondo uma cartografia como texto

Como sentido em formação, quando o pesquisador-fenômeno assume a escrita de si na qualidade de parte de seu esforço descritivo do movimento, esboçando suas linhas em sua relação com o espaço, o que está em jogo não é fazer daquele espaço uma disposição de presença idêntica para quem o lê, mas reconhecer que seu próprio gesto é composto em relação a outras linhas, tornando esta dimensão explícita para o leitor que certamente poderá encontrar suas próprias linhas em sentidos muitas vezes diversos aos do pesquisador. No exercício de transcrever o espaço vivido, não podemos ignorar a percepção de sua ambiência (*Stimmung*), cuja descrição aponta para os indícios da presença do pesquisador no espaço.

Para tanto, é preciso considerar que o espaço descrito num relato de si já não é um território original e isolado, intocado, mas sempre um espaço mediado, modificado. A experiência manifestada no relato de si se desenvolve a partir de fricções de alteridades histórico-culturais estabelecidas pela presença no espaço, assim como definiu Gumbrecht (2014, p. 28): “um *Stimmung* histórica e culturalmente único”. Dessa forma, cada espaço pode ser compreendido como abertura capaz de mediar nossa condição de “ser-no-mundo”, o que caracteriza a existência humana como algo que “está sempre já em contato substancial e, por isso, espacial com as coisas do mundo” (Gumbrecht, 2010, p. 91).

Poderíamos constatar que o espaço que experimentamos sob o prisma cartográfico jamais pretere um “ser-no-mundo”, mas, ao contrário, permanece aberto a novos trajetos que podem ser feitos em diferentes sentidos, apontando ele mesmo, o espaço, como algo a ser continuamente redesenhado, notando-se que a incompletude na descrição de sua qualidade de *Stimmung* a partir de um relato de si funciona provisoriamente para organizar a memória e a experiência abarcadas no relato em questão. Logo, retomando a imagem que abre este artigo, o que buscamos evidenciar, ao acionar os

conceitos, caminhos e reflexões metodológicas traçadas em nosso olhar para a delimitação apresentada (o caminhar e a foto de um determinado espaço urbano da cidade de Ouro Preto), é que há um *Stimmung* em jogo nesse diálogo entre foto e local registrado que mobiliza a memória a se encaminhar a uma escrita descritivo-analítica em relação à materialidade apresentada.

Esse recurso, todavia, não é novo. Há um movimento, sobretudo literário, que, embora não o denomine como estamos propondo aqui, a fim de pensarmos em sua aparição enquanto fenômeno de comunicação, usa dele como recurso de subversão às representações de modo canônico e estabilizador que tentam preservar “a distância entre os sujeitos, quase nunca permitindo a fluidez das fronteiras, os avizinhamentos e as trocas” (Moriceau, 2020, p. 61). Se recorrermos, portanto, como mencionamos, a obras que manifestam esse princípio em sua literatura, veremos não uma realidade indiscernível da imaginação, mas compreenderemos que há ali declaradamente um espaço que se conjuga sobre a mistura *imaginação e realidade* que a memória do “contador do relato” possui.

Poderíamos citar, novamente, a título de exemplo, *Becos da memória*, de Evaristo (2018), em que a autora mergulha em suas raízes sociais por meio do testemunho ancorado à sua memória e mesclado a um relato daquilo de que ela se lembra com exatidão e daquilo de que não se lembra tão precisamente, enxergando ambas essas categorias, lembrança e esquecimento, como recortes ou nuances de realidade que fundamentam o espaço que dá tom à obra – o espaço que Evaristo quer abrir ao leitor e convidá-lo a adentrar e cartografar junto com ela. Nas palavras da escritora, ao narrar momentos de sua infância encontrados por entre os becos de sua memória, este recurso (a força memorial)

*[...] ficcionalizou lembranças e esquecimentos de experiências que minha família e eu tínhamos vivido, um dia. Tenho dito que Becos da memória é uma criação que pode ser lida como ficções da memória. E, como a memória esquece, surge a necessidade da invenção. Também já afirmei que invento sim e sem o menor pudor. As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. Nesse sentido venho afirmando: nada que está narrado em Becos da memória é verdade, nada que está narrado em Becos da memória é mentira (Evaristo, 2018, s.p., grifo do original).*

Se, no relato de uma memória, de uma experiência com o espaço, não se escapa de um gesto de invenção, então, por sua vez, uma cartografia convida à invenção de espaços cujas experiências estão sempre sendo mediadas por outras experiências. Conscientes de que o movimento no corpo pelo espaço realiza percursos tateando, redescobrimo e redesenhando espaços, sendo levado por tudo aquilo que lhe afeta, assim como definiu Rolnik (2016), deve-se considerar que isso ressalta “o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos” (Rolnik, 2016, p. 23). Para a autora, uma cartografia é acompanhada de movimentos de transformação da paisagem e do próprio espaço de invenção, tal como ocorre na obra mencionada de Conceição Evaristo. Não se trata de completar o espaço, concluí-lo, alcançá-lo em totalidade ou inteireza como algo ensimesmado, mas tomá-lo

em recortes, em *pequenas parcelas especiais* – como o que fizemos no recorte do bairro Saramenha, em Ouro Preto.

Dessa forma, o redesenho de um espaço, ou seja, sua cartografia, encontra-se em disputa, em construção, sempre aberto à invenção, o que nos permite explorar alteridades diversas, buscando pensar quais os limites e as potencialidades de um espaço para caracterizar e constituir nossa memória. Ao transpor o gesto cartográfico para o texto da pesquisa, talvez o pesquisador possa experimentar novas formas de pensar o espaço da escrita e da memória. Ao ser lida enquanto texto, a experiência de cartografar os espaços, como feito no relato que abre este artigo, posiciona-se enquanto método. Essa *cartografia textual* é uma base de conhecimento para os lugares vividos ou conhecidos por meio da memória (e assim constituídos como outro tipo de vivência possível), o que aponta, como falaremos melhor à frente, pelo fato de se conjugar via pesquisador-fenômeno, para uma espécie de autoetnografia, qual seja, uma abertura à memória do outro que se confirma em si, ou uma forma de alteridade enquanto o que se permite existir é um acolhimento do outro naquilo que podemos oferecer, de nós, a ele, ambos como corpos presentes que recebem e partilham suas vivências.

Pela constatação de o texto nunca estar fechado, abrir-se sempre em construção, temos contato com um tipo de texto quando nos deparamos com o espaço, isto é, temos uma produção de realidade em movimento (Falci, 2018) – o que, como dito anteriormente, ajuda a situar o leitor numa tessitura social de realidades mutáveis. E, neste caráter de *produtividade*, sobre o qual discorreremos a seguir, o que se pode perceber é que o texto está ininterruptamente sendo composto por mais e mais espaços de diferenciação a cada visada lançada sobre ele, o que lhe garante uma faceta de movimento. Portanto, na medida em que a fotografia do espaço ocorre e a escrita sobre ele se produz, como fizemos no início, outros tipos de texto, continuamente em movimento, também se constituem. O que se pretende afirmar com isso é que a cartografia está não apenas na escrita, mas espalha-se para outras formas textuais, como a fotografia, a memória um dia relatada e, igualmente, o espaço de convite feito ao leitor quando em contato com o espaço que aqui foi redesenhado pelo pesquisador-fenômeno.

O texto que se busca não é um pano de fundo, para preencher e findar uma experiência com este espaço ou torná-lo mais traduzível. Esse texto é um *Stimmung* em construção, por sua capacidade de articular e rearticular aquilo que está à sua volta. É um agente histórico (que diz de uma temporalidade social, de costumes, de uma cultura, de uma produção de memória) que, de forma polifônica, estabelece-se em relação às alteridades culturais e temporais que se entrecruzam seja em espaços da cidade, seja em espaços de leitura. O texto é, portanto, heterogêneo, passa por alterações múltiplas. Ele surge como uma fonte da história (figura passível de historicização, como adiantamos no início do artigo) porque é mutável. Mas, ao contrário do que se pensa, ele não deve promover uma produção de referência. Ele deve vir para pensarmos a relação entre mundo e sujeito, o sujeito no mundo *etc.* E este aparato textual não busca obedecer a uma falsa ideia de querer situar sujeitos em um dado tempo ou momento histórico, posto que, dessa forma, ele indicaria que historicizar obedece a uma noção de continuidade, de linearidade, e tanto das temporalidades quanto das realidades. O texto permite, em contrapartida, fazer

uma aproximação de experiências e guiar a transformação dessas experiências a formas de conhecimento de certas realidades (e, como dissemos, realidades mutáveis).

### 3 Do texto à autoetnografia

Assentando nossa abordagem nessa toada de conhecimento de certas realidades a partir de aspectos de diferenciação que garantem movimento, ressaltamos que os textos não são, como pontuado, entidades fechadas, mas compõem-se, a cada escrita (o que se compreende não só por sua formulação, mas também por sua leitura e gestos de entendimento lançados a ele nesses processos), por mais formas de enunciação de algo que não é simplesmente o mesmo, mas que partiu de um princípio, de um ponto inicial, e, por isso, é “o mesmo e mais um pouco”. Desse modo, quando pensamos em uma memória sobre uma família que chegou ao Brasil por meio de uma fuga de sua terra natal (como o relato que abre este artigo), quando essa memória se conta a alguém (um dos autores deste trabalho) que, por sua vez, tenta contá-la ou perscrutá-la numa produção acadêmica, abrindo-a a outros tipos de leitores, que a conhecerão não por meio de um relato oral, mas através de um contar que partiu de um enunciado escrito em uma folha de documento computadorizado (um *software* de texto) aliado a um enunciado fotográfico, são reconhecidas várias formas de escrita e leitura. São reconhecidas, portanto, junções de algo que é o mesmo (uma memória inicial) e mais um pouco (uma memória inicial e suas novas formas de se contar e aceitar).

Diante disso, pensamos a cartografia como um texto, como outra forma de enunciação capaz de produzir e representar a invenção e a alteridade. Seguindo essa leitura de “produção/produzibilidade” a partir de Falci (2018), há, em cada texto, furos, lacunas, aspectos de diferenciação, fissuras de escrita e leitura que os permitem ser o que são, esse emaranhado de sentidos e, mais que isso, como anunciado anteriormente, *Stimmungs* em construção. São o que Falci chamaria de “textualidades”, ou de elementos que compõem o texto e o desestabilizam, fazendo-o pairar nesse movimento triplo de i) realidades em construção, ii) mas sempre não apenas as mesmas ou vestígio das mesmas, porque partiram de um referencial para algo ou alguém, e, por isso, as mesmas e mais um pouco, e, em seguida, iii) uma mutabilidade da tessitura social (instabilidade enquanto processo comunicacional). O que se balizaria na seguinte tríade ininterrupta: 1<sup>o</sup>) “produção-produzibilidade” (sem preterir um referente) – 2<sup>o</sup>) diferenciação (mutação ou movimento) – 3<sup>o</sup>) construção de realidades. Nesse sentido, “as textualidades realizam o texto, o que lhe dá uma característica de ser em movimento, de poder ser compreendido como um estrato que aparece momentaneamente num agenciamento” (Falci, 2018, p. 134). Por sua vez,

*Um texto pode ter autoridade em função das autorizações que o*

*fazem circular, e também existir. Essas autorizações têm relação direta com o modo de ser das textualidades. Quando tratamos de textualidades midiáticas, entram em cena combinações específicas relacionadas aos tipos de mídia aí presentes. Quero trabalhar investigando o que faz as textualidades surgirem e se manterem ativas como formas de perceber um texto. Quando penso os ambientes programáveis [em nossa leitura, as realidades produzidas, como o espaço em suas múltiplas dimensões ou formas de cartografá-lo] como o locus de análise é porque percebo a possibilidade de associá-lo aos dispositivos, segundo o modo como Foucault (1998) e Deleuze (1990) tratam esse termo. Ou como os agenciamentos que produzem autorizações sucessivas em relação ao texto. Destacam-se, em vista disso, as noções de agenciamento e dispositivo, sendo que as textualidades surgem como dispositivos de autorização dentro do texto e em relação ao próprio texto. É possível já notar que o conceito de textualidades [...] está entre um modo de aparição do texto, mas também como um dispositivo que provoca e movimenta o próprio texto. [...] As textualidades se assemelhariam aos espaços de diferenciação, pois seriam mais diversas que os enunciados<sup>1</sup> autorizados. Estes, por sua vez, guardariam semelhança com os estratos dos agenciamentos e com os textos. O fato é que, se os textos são uma produtividade, também não se mantêm estáveis, e o seu surgimento momentâneo pode reposicionar e deslocar as relações entre distintas textualidades, o que é próprio de um agenciamento. (Falci, 2018, p. 133-134, grifo do original).*

Que textualidade poderíamos então apalpar quando olhamos para este espaço dosado entre a) a memória que um dia se teve e depois se manteve e se relatou, b) a imagem que se produziu e c) o texto escrito que se fez na qualidade de relato? Para tentar responder, optamos por seguir pela ótica dos estudos culturais, principalmente a partir de Lawrence Grossberg (2010a, 2010b, 2018), para quem não há um afeto disposto e contido no mundo ou um afeto assim a residir em nós. Há, pois, nessas três categorias supracitadas (a, b, c), inevitavelmente, uma disposição de seres no mundo, uma afetação entre mundo e seres, e expor-se ao mundo, vendo-o expor-se em contiguidade nessa relação, reconhecer uma descentralização de ambos, mas considerá-los em partilha, isso é afeto ou afetividade. O afeto passa a ser, portanto, uma forma de textualidade, exatamente por essa disposição de ser e mundo em compartilhamento, essa órbita ressonante. Por essa perspectiva, o afeto é

*[...] o produto contingente de eventos, contradições e lutas humanas e não humanas. Varia ao longo do tempo e do local e é distribuído de forma desigual pelas populações. Se o significado é como fazemos “sentido” com o que está acontecendo, o afeto é a energia que permeia todas as nossas experiências e define como é viver em um momento. Como o significado, o afeto é sempre constituído no espaço entre individualidade e socialidade, entre consciência e materialidade, entre o cognoscível e o ainda não articulado. O Afeto engloba uma variedade de maneiras pelas quais “sentimos” o mundo em nossa experiência, incluindo humores, emoções, mapas do que importa e daquele que se importa, prazeres e desejos, paixões,*

<sup>1</sup> Embora Falci (2018) produza uma associação entre sua perspectiva concernente à ideia de textualidades e a abordagem de “enunciado” foucaultiana, o que o primeiro pensador busca salientar é que há um deslocamento entre o que propõe como textualidade e enunciado ou função enunciativa, mas não uma relação direta de sinonímia. Enquanto o enunciado permite um acesso às questões das textualidades, estas estão para além dos enunciados, tratando de outra relação no escopo dos textos.

Conforme Foucault (2008, p. 98), “o enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida [...] se eles ‘fazem sentido’ ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita)”.

*sentimentos etc. (Grossberg, 2018, p. 10-11, tradução nossa).*

Como textualidade, o afeto modula paixões pelo referido espaço que ocupou uma família em fuga: o espaço na memória, o espaço na imagem. É o afeto, como textualidade, que faz a cartografia, uma forma de texto, balançar-se e instabilizar-se em suas diferentes formas de contato (formas de leitura) com quem quer que seja, a partir de suas distintas formas de elaboração (formas de escrita, que não deixam de ser leituras e vice-versa). É nessa *textualidade afetiva* que se desestabilizam, também, as realidades sociais, daquela em mutação pelo leitor que agora se ocupa de nós àquela instaurada pelo pesquisador-fenômeno, sabendo que ambas estão em comunhão – uma não pretere a outra, mas parte da outra, relaciona-se com ela.

Se tomarmos essa “primeira realidade” aqui apresentada e constituída, a do pesquisador-fenômeno, que poderia não ser a primeira se partíssemos antes da memória em si, do relato da familiar que contou a história, e não da memória constituída como relato e imagem pelo pesquisador, essa realidade também acabará por se tornar um texto, outro fenômeno de comunicação, outra forma de interpretação do mundo. Consequentemente e, numa espécie de oximoro, não se pode retirar dela seu caráter de textualidade. Ela é também outra lacuna ou fissura que, por intermédio de outras textualidades (como o afeto) e de outros textos, estabelece relação direta de mutabilidade com aquilo que vai se formar (um novo escopo textual) – da memória à interpretação que o pesquisador-fenômeno faz do espaço do qual se encarrega de falar; da identidade do pesquisador-fenômeno a se constituir nesse imbróglio; do imaginário afixado neste pesquisador sobre o espaço arrolado em tal conflito; de outros e outras memórias, identidades e afetos atravessados por mais textos e textualidades em paralelo, como se, do texto, enquanto imagem, escrita, memória, espaço, cartografia, realidades ou inúmeras outras formas de aparição, o que pudéssemos apalpar fosse um paradigma rizomático, de raízes sem fim.

Ora, não estaria, essa relação paradoxal e rizomática do texto e da textualidade, remando, por exemplo, para uma eterna *autoetnografia* – da memória contada por uma familiar ao pesquisador-fenômeno; do pesquisador-fenômeno àquele que o lê? À medida que tomamos, nessa autoetnografia, uma alteridade, um outro em si mesmo, da familiar que se introjeta no pesquisador, do pesquisador que se introjeta no leitor, podemos estender essa concepção para o sujeito-pesquisador, comportando-se enquanto sujeito-fenômeno, haja vista que seu relato é uma autoetnografia, um rompimento com a impessoalidade na pesquisa que não intenciona subsumir fronteiras científicas, mas, justamente, pretende embaralhá-las, como o que se pensa sobre a cartografia.

Há, em meio a isso, outras conceituações que coadunam a experiência cartográfica à experiência da autoetnografia, e igualmente em terminologias similares: experiências pessoais que objetivam o entendimento de uma determinada experiência cultural (tal como a cartografia, um convite a interpretar certa experiência localizada); centralidade da escrita como método de pesquisa e não apenas seu resultado (como a cartografia é um texto, ela se escreve enquanto meio, modo de leitura de uma realidade espacial, não como conclusão de um espaço); entre outros aspectos. A autoetnografia se traduz, logo,

*[...] como uma combinação de elementos da etnografia e da autobiografia. Como na autobiografia, a epifania é muito frequentemente utilizada. Nela, o pesquisador/narrador relata, de maneira retrospectiva e seletiva, um evento emblemático, pois ilustrativo de um processo social transformador que marca sua experiência como indivíduo. A passagem do individual para o mais geral, a partir da epifania, se constitui numa importante estratégia literária que tem por objetivo aproximar o leitor dos acontecimentos, deixando que este participe de sua interpretação e facilitando um entendimento mais direto e pessoal sobre a cultura em questão. Uma vez que experiências pessoais são também compartilhadas com membros do mesmo grupo, a investigação deve iluminar como estes outros membros percebem e vivenciam os eventos narrados. Assim, o pesquisador deve utilizar, de forma complementar, uma variedade de métodos comuns à etnografia, tais como entrevistas, registros visuais, observações etnográficas de interações, comportamentos, disposições espaciais, modos de falar e de vestir, dentre outros (Maia; Batista, 2020, p. 241-242).*

Em que medida, no relato do pesquisador-fenômeno, autoetnografia e cartografia se confundem, elas mesmas, por essa similaridade de método (não um fim, mas um meio de apreensão de certa realidade) e de epistemologia ou conhecimento (convite à interpretação de certa experiência situada)? Em suma, a autoetnografia é uma experiência minimamente cartográfica, ou, em seu manuseio traçado em nossa perspectiva, a ela se estende um *tapete* de estampa cartográfica que faz com que compreendamos determinada realidade espacial em (e por meio de) determinada realidade social. É como se afirmássemos, pelo caminho até aqui traçado, que não há epistemologia sem método ou método sem epistemologia. Como cartografia possível, o relato do pesquisador-fenômeno, essa autoetnografia, é um redesenho do espaço: memorial e escrito; imagético e imaginado; textual (como texto, a exemplo da realidade ou do espaço físico visitado pelo pesquisador) e textualizado (como textualidade, a exemplo do afeto, convite de partilha da familiar que abriu sua memória para o pesquisador ao leitor convidado também a partilhar por este último em seu relato).

#### 4 Últimas considerações: imagem, memória e a retomada do espaço

Antes do relato da memória, a primeira aparição do espaço se deu aqui pela imagem. Se falamos, como visto há pouco, em “primeira realidade” constituída, a do pesquisador-fenômeno por meio de seu relato, porque assim quisemos denominá-la e porque optamos por pinçá-la para este texto, mas não por ser a primeira em existência, já que a isso não seríamos capazes de alcançar e denominar e nem sequer temos tal pretensão, podemos falar também em “primeira aparição” do espaço, e nos mesmos termos? Se realidade(s) também poderia(m) se manifestar pela memória, embora esta não tenha sido a primordial em nosso trabalho, dando lugar ao relato, o espaço também poderia ser visto imagetivamente pela memória e daí em diante, de modo que as realidades e os espaços não se limitam, são dispositivos em fundamentação por essa lógica sem fim do texto, de ser escrito e lido e vice-versa. Entretanto, por que retomar o espaço aqui justamente pela imagem? Parece ter sido através dela que conseguimos pensar melhor o espaço. Essa imagem, pela qual ansiamos por conta de um apelo da memória, e que quisemos usar como ponto de partida para uma escrita

posterior, foi insuflada por um relato oral. A imagem desejada pela memória. Mas o que seria da imagem sem a memória contada? Não foi esta última que a possibilitou?

Com isso, poderíamos nos perguntar: por que partir do espaço na/pela imagem e não da/pela memória, por exemplo, mas conjugar a memória ao espaço na imagem? Mais ainda: será que partimos mesmo da imagem ou teríamos partido da memória, já que ambas são linhas em atravessamento e, por isso, não um começo ou fim, mas um meio? Talvez esta última pergunta seja mais pertinente e traduza melhor o sentimento do texto que apresentamos, já que imagem e memória não preterem ambas enquanto uma possibilidade cartográfica, de convite a experienciar certa realidade, e, mais ainda, conjugam, enquanto texto, textualidade e forma de escrita, outras modalidades de cartografia que poderíamos explorar aqui: a caminhada pela cidade, que se manifesta como ponto adicional à produção da imagem e à fomentação da memória.

Nessa esteira, gostaríamos de recorrer a uma leitura de Cunha (2022), que contribui para adicionarmos a caminhada ao pensamento comunicacional, sobretudo relacionada à cartografia e pensada por meio de duas categorias. Primeiramente, a caminhada reelabora a noção de distância: se todos estamos distantes daquela localidade trazida pela imagem, em maior ou menor grau, essa distância não se dá apenas por uma metragem, mas comporta-se como outro repositório de informações (e a noção métrica se inclui aí) que contribuem para questionar “certas ideias típicas das formas modernas de compreender o mundo” (Cunha, 2022, p. 41). Trata-se de uma leitura próxima à do antropólogo britânico Tim Ingold, de trazer as *coisas* de volta à vida num mundo materialmente cindido por essas formas modernas de conhecimento, ou de não catalogar os seres como proprietários da vida, posto que ambos acontecem em processos de formação fundamentalmente constantes (Ingold, 2011, 2015).

Tal perspectiva está também nas bases do que Solnit (2016) entende pelo caminhar como sustentáculo incontestado para o desenvolvimento da humanidade. Ao relacionar Ingold e Solnit em sua leitura, Cunha (2022) recoloca o caminhar como porta de entrada para encontros diversos com *coisas* (palavra comumente e propositadamente utilizada por Ingold) que possuem seu próprio tempo e compartilham do nosso, constituindo outro tempo em contiguidade, em meio a fluxos e restrições, o que retoma o pensamento *ingoldiano*. Cunha também mostra como esse caminhar contribui para outra forma de desenvolvimento da humanidade (aqui, numa leitura de Solnit), qual seja: a convivência e os meandros do dia a dia como formas de estabelecer vínculos e sobreviver:

*Conhecemos ao longo de percursos no mundo e de entrelaçamentos entre nossas linhas de vida com as linhas também fluentes do ambiente, dos materiais [coisas vivas e de volta à vida, como lembra Tim Ingold (2011, 2015), acrescentamos] e de outros seres vivos. Trata-se de um processo aberto de conhecer que se mescla com o processo mesmo de viver, por isso é possível dizer que não adquirimos conhecimentos, mas crescemos neles. O caminhar nos ajuda a compreender e explicar o conhecimento como um processo movente. A historiadora e escritora Rebecca Solnit, em seu livro A história do caminhar (2016), comenta que já marchamos em busca de alimento, para comercializar, como expressão artística, em jornadas espirituais, como forma de protesto, para conhecer novos lugares. É interessante pensar que esses movimentos deram origem a trilhas e estradas, entrepostos comerciais, literaturas, objetos de*

*arte, narrativas religiosas, mudanças políticas e, antes de tudo, conhecimento. Se o caminhar possui funções e significados em diversas sociedades é justamente porque ele é uma forma privilegiada de aprender sobre o mundo. Uma das particularidades do caminhar é que nossos corpos ficam em evidência, nossas aparências, trejeitos, ritmos, gestos, elementos que também fazem os percursos acontecerem. Em meu cotidiano, reparo no vizinho da esquina que, apesar de não ser muito velho, vai ao supermercado usando bengala, caminhando de forma despreocupada e vagarosa. E nas freiras que entram e saem da Congregação do outro lado da rua quase sem nos notar, ensimesmadas. Reparo, ainda, no guardador de carros que passa cantando com sua voz inigualável e no vendedor de pães que passa buzinando duas vezes ao dia, presenças que reconheço antes mesmo de poder avistá-las. (Cunha, 2022, p. 52-53, grifo do original).*

Honrar vidas, saberes e nossa identidade em constituição no mundo pelo caminhar: seria essa a combinação mais eficaz que Cunha (2022) faz entre Rebecca Solnit e Tim Ingold. Da imagem fotografada pelo caminho – daquele devir e daquela forma de vida sobre o caminho e o espaço que são a fotografia, como Lisovsky (2008) a toma, um arranjo orquestrado sobre o olhar de quem tira a foto e de quem a vê –, o que está em jogo é o espaço cartografado por outro instrumento: o caminhar. Logo, essa fotografia não diz o que o cotidiano é, mas especialmente trata do que ele pode vir a se tornar e de fato se torna sob o regime do olhar (também não estanque ou cristalizado). Lembramo-nos aqui de Certeau (1998, p. 172), para quem, “escapando às totalizações imaginárias do olhar, existe uma estranheza do cotidiano que não vem à superfície, ou cuja superfície é somente um limite avançado, um limite que se destaca sobre o visível”. A fotografia poderia ser, na chave da caminhada que se traça antes e que a “produziu”, outro regime do visível (não totalizante) sobre a caminhada ou apenas um vestígio cujo vir-a-ser não se reduz à caminhada, mas nos possibilita imaginar uma cartografia para conhecer nosso próprio cotidiano.

## Referências

- CANCLINI, Néstor García. Imaginários culturais da cidade: conhecimento / espetáculo / desconhecimento. In: COELHO, Teixeira (Org.). *A cultura pela cidade*. São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural, 2008, p. 15-31.
- CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade. In: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 169-191.
- CUNHA, Prussiana Araújo Fernandes. Conhecendo distâncias, travessias e memórias: o movimento como gesto de enlace no mundo. In: DIAS, Emmanuelle; AQUINO, Talita Iasmin Soares; VIEIRA, William David (Orgs.). *A ciência em condição liminar: deslocamentos epistemológicos nas pesquisas em Comunicação*. Belo Horizonte: Selo Editorial PPGCom/UFMG, 2022, p. 37-55. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/publicacao/a-ciencia-em-condicao-liminar/>. Acesso em: 10 mai. 2023.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *A thousand plateaus: capitalism and schizophrenia*. Tradução de B. Massumi. London: Continuum, 2004.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2018. Recurso eletrônico.
- FALCI, Carlos. De quem é o texto? In: LEAL, Bruno; CARVALHO, Carlos Alberto; ALZAMORA, Geane (Orgs.). *Textualidades midiáticas*. Belo Horizonte: Selo Editorial PPGCom/UFMG, 2018, p. 131-151. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/publicacao/textualidades-midiaticas/>. Acesso em: 9 mai. 2023.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

- GROSSBERG, Lawrence. Affect's Future: Rediscovering the Virtual and the Actual. In: GREGG, Melissa; SEIGWORTH, Gregory J. (Org.). *The Affect Theory Reader*. Durham; London: Duke University Press, 2010a. p. 309-338.
- GROSSBERG, Lawrence. *Cultural Studies in the Future Tense*. Durham; Londres: Duke University Press, 2010b.
- GROSSBERG, Lawrence. The terror and the beast. In: GROSSBERG, Lawrence. *Under the cover of chaos: Trump and the battle for the American Right*. London: Pluto Press, 2018, p. 3-15.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. Ler em busca de Stimmung: como pensar hoje na realidade da literatura. In: GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Atmosfera, ambiência, Stimmung: sobre um potencial oculto da literatura*. Tradução de Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2014, p. 9-34.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. Para além do sentido: posições e conceitos em movimento. In: GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Tradução de Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2010, p. 75-118.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, s. l., n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 6 out. 2023.
- HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Tradução de Maria Helena Martins et al. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- INGOLD, Tim. *Being alive: essays on movement, knowledge and description*. London: Routledge, 2011.
- INGOLD, Tim. *The life of lines*. London: Routledge, 2015.
- LISSOVSKY, Mauricio. *A máquina de esperar: origem e estética da fotografia moderna*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.
- MAIA, Suzana; BATISTA, Jeferson. Reflexões sobre a autoetnografia. *Prelúdios*, Salvador, v. 9, n. 10, 2020, p. 240-246. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/revpre.v10i10.37669>. Acesso em: 9 mai. 2023.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola, 2004.
- MORICEAU, Jean-Luc. *Afetos na pesquisa acadêmica*. Belo Horizonte: Selo Editorial PPGCOM/UFMG, 2020. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/publicacao/afetos-2/>. Acesso em: 6 out. 2023.
- NORA, Pierre. *Ensaio de ego-história*. Tradução de Ana Cristina Cunha. Lisboa: Edições 70, 1989.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016.
- SOLNIT, Rebecca. *A história do caminhar*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

Artigo submetido em 19/05/2023

Aceito em 04/10/2023